

Significação e paradoxo na interface semântica, léxico, discurso e cognição

Meaning and paradox in semantics, lexicon, speech and cognition interface

*Geraldo José Rodrigues Liska**

**Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)*

**Universidade Federal de Alfenas (UNIFAL-MG)*

Resumo: Este artigo busca na Linguística Cognitiva, na Semântica Enunciativa, na Semântica Lexical e na Semântica Cultural uma análise de vários fatores que interferem no processo de significação por meio das propriedades das palavras e da relação entre elas, integrando o léxico com cognição, discurso e sociedade, motivada pelas transformações sociais e culturais nos processos de significação. Com essa interface de teorias, pretendemos mostrar, a partir da análise de sentenças paradoxais assim definidas por Eco (2003), que até o que chamamos a priori de anomalia e incoerência deve ser revisto em níveis que vão desde a superfície linguística do discurso até o fato de que uma língua natural é formatada pela cultura e essa formatação permite formas de expressão adequadas em todas as situações imagináveis, em nível sintático, semântico-lexical e discursivo.

Palavras-chave: Paradoxo. Semântica Enunciativa. Semântica Cognitiva. Semântica lexical.

Abstract: This paper is based on Cognitive Linguistics, Enunciative Semantics, Lexical Semantics and Cultural Semantics in order to analyze several factors that interfere in the signification process through the properties of words and the relationship between them, integrating the lexicon with cognition, speech and society, motivated by social and cultural transformations in the processes of signification. With this interface of theories, we intend to show, from the analysis of paradoxical sentences thus defined by Eco (2003), that even what we call a priori anomaly and incoherence must be revised at levels ranging from the linguistic surface of the discourse to the the fact that a natural language is formatted by culture and that formatting allows adequate forms of expression in all imaginable situations, at syntactic, semantic-lexical and discursive levels.

Keywords: Paradox. Enunciative Semantics. Cognitive Semantics. Lexical semantics.

Introdução

Há muita discussão sobre a produção e a representação de conceitos e suas formas, que englobam texto e discurso, fatores cognitivos e lexicais do processamento da linguagem e estudos acerca da variação e mudança linguísticas relacionadas à cultura. Este parece ser um tema interminável e sobre o qual pouca homogeneidade deve ser esperada.

Este artigo busca na Linguística Cognitiva (SILVA, 1997; 2006; FAUCONNIER, TURNER, 1996, 1998, 2002), na Semântica Enunciativa (GUIMARÃES, 1989; 2007), na Semântica Lexical (MARCONI, 1997) e na Semântica Cultural (FERRAREZI JÚNIOR, 2010; 2013) uma análise de vários fatores que interferem no processo de significação por meio das propriedades das palavras e da relação entre elas, integrando o léxico com cognição, discurso e sociedade, motivada pelas transformações sociais e culturais nos processos de significação.

Neste trabalho, esperamos mostrar, após análise de seis enunciados classificados por Umberto Eco como paradoxais, em seu livro “Sobre a literatura” (2003), como acontece no processo cognitivo o choque de sentidos, tendo o paradoxo como efeito de sentido da intencionalidade específica textual e estilística em três tipos: sintática, semântico-lexical e discursiva.

Para isso, apresentaremos nas seguintes seções o conceito de paradoxo adotado por Umberto Eco e alguns pressupostos sobre a multissignificação das palavras, que envolve ainda, em nível semântico, as condições de verdade emergidas pelo discurso.

1 O paradoxo e as condições de verdade das sentenças

“O significado de uma palavra é seu uso na língua”
(Wittgenstein, 1953, p. 54, tradução nossa)¹.

Sabemos que a motivação para o pronunciamento de um enunciado pode não estar relacionado à sua condição de verdade. Ou seja, essa motivação pode existir mesmo que esteja em condição de anomalia, no caso de, mesmo sendo boa gramaticalmente, é claramente incoerente ou totalmente sem sentido, não gerando algum tipo de acarretamento (CANÇADO, 2005). Ou ainda, quando não for anômala, pode ser contraditória, em que duas

¹ “The meaning of a word is its use in the language”.

situações possíveis e não problemáticas, isoladas, são colocadas juntas (CANÇADO, 2005). No entanto, mesmo quando são violadas restrições de ordem lexical ou sintática, na natureza pragmática as contradições e anomalias se desfazem.

Trataremos como paradoxo as anomalias e contradições que, a priori, causem estranhamento ao sentido de um enunciado. Embora o jogo de inversões de sentido das palavras ou do enunciado cause esse estranhamento, Umberto Eco afirma que a condição de verdade para que esses enunciados existam no mundo, mesmo oposta ao convencional, segue uma lógica tão quanto os peixes nadam e os pássaros voam.

O paradoxo não é uma variação do *topos* clássico do "mundo invertido". Este é mecânico, prevê um universo em que os animais falam e os humanos rugem, os peixes voam e os pássaros nadam, os símios celebram missa e os bispos saltam entre as árvores. Ele procede por adjunção de *adynata* ou *impossibilia* sem uma lógica. É um jogo carnavalesco (ECO, 2003, p. 69).

Para Umberto Eco (2003), o paradoxo se apresenta como uma máxima falsa à primeira vista que, somente depois de madura reflexão, parece destinada a exprimir aquilo que o autor considera como verdadeiro. Por causa do hiato entre as expectativas de opinião comum e a forma provocadora que assume, acaba sendo sutil. Trata-se de uma inversão real da perspectiva comum que apresenta um mundo inaceitável. Essa inversão provoca resistência, recusa e, todavia, se faz um esforço para entendê-la, produz conhecimento. No final parece espirituosa porque se é obrigado a admitir que é verdadeira (ECO, 2003).

Observemos as sentenças (1a) e (1b):

- (1) a. O homem é imortal.
b. homem não é mortal.

Sentenças como (1) geram primeiramente estranhamento, já que [+ mortal] é um traço semântico da noção de 'ser humano', levando em consideração esse traço convencionalizado. Entender qualquer sentença exige de quem a está entendendo toda uma competência semântica do sistema linguístico, sua estrutura e seus elementos. Sem essa competência, seria impossível compreender uma mente como a mente humana, uma vez que as palavras e os significados são criados pelo ser humano. Logo, o conceito de mortalidade ou imortalidade se restringe a associações com outras palavras a partir da condição de

verdade que uma sentença pressupõe. Se não existisse uma condição de verdade para essa frase, ficaríamos sem noção de como é a compreensão humana².

Assim, tanto numa abordagem molecularista³ para (a), em que utilizamos uma quantidade finita de informações para cada palavra da sentença (o que é ser ‘homem’ e o que é ser ‘imortal’?), como numa visão holística⁴ para (b), em que para compreender a sentença na totalidade é necessário observar que há uma relação de negação entre as partes, as duas frases não têm sentido. Elas têm, na superfície linguística, um nível maior de anomalia.

Na primeira, relacionam-se ‘homem’ e ‘imortal’, e isso gera a incoerência de (1a): $\forall x(Ax \rightarrow Bx)$, (onde A= ‘ser homem’ e B= ‘ser imortal’, logo; $???(x[+mortal] \& x[-mortal])$). Por exemplo, se substituirmos ‘x’ por ‘João’, diremos que, se ‘João’ é ‘homem’ (com traço semântico [+mortal]), então é ‘imortal’ (com traço semântico [-mortal]). Logo, não teria como ser mortal e imortal ao mesmo tempo.

Em (b), existe uma negação que separa o predicado ‘ser mortal’ do argumento ‘O homem’, sendo que há entre os dois uma relação imanente, e negar essa relação impossibilita a condição de verdade dessa frase no mundo. No entanto, quando nos referimos a contextos específicos, por exemplo, ‘Machado de Assis é imortal’, a frase, até então contraditória na superfície linguística, encerra a sua contradição quando é contextualizada.

2 O paradoxo e a polissemia

Para entender a incoerência intencional, exige-se um pouco de esforço do leitor, que acaba aceitando essa perspectiva da realidade até então inaceitável. Por exemplo, ainda que o fenômeno da polissemia⁵ explique os vários sentidos das palavras em inúmeros contextos, envolvendo cultura, cognição e uso, as restrições lexicais dificultam o falante de português que adquire o verbo ‘beber’ dizer ‘bebeu arroz’, pois, ao adquirir o verbo, adquire também a

² “we would be left without any notion of what *human* understanding is like” (MARCONI, 1997, p. 49)

³ “In the molecularism picture (as applied to comprehension) each act of understanding only uses a finite and reasonably small amount of information” (MARCONI, 1997, p. 50).

⁴ “Semantic Holism in general is the doctrine according to which the semantic value of an element of a linguistic system, whatever it may be, depends on the whole system” (MARCONI, 1997, p. 46).

⁵ “*Polissemia* é a associação de dois ou mais sentidos relacionados entre si a uma única forma linguística. Uma palavra ou uma outra expressão com vários sentidos, tal como *papel* ‘matéria fabricada com fibras vegetais’, ‘folha, pedaço de papel’, ‘documento’, ‘ação, função, influência’, etc., é denominada *polissêmica*”. (SILVA, 2006, p. 10).

informação lexical de que seu complemento é algo bebível, ou, de maneira geral, líquido. No entanto, não descartamos a construção de cenários no jogo lexical para o ajustamento de sentidos gerados de uma dada situação comunicativa. Por exemplo, a combinação ‘beber arroz’ pode ser entendida em um caso como ‘João fez um arroz tão empapado que dava pra beber e o expulsaram da cozinha’.

Isso implica dizer que a língua é formatada pela cultura na medida em que a cultura exige da língua formas de expressão adequadas em todas as situações imagináveis (FERRAREZI JÚNIOR, 2010). Para a Semântica Cultural, devemos notar que a língua também é uma construção humana e, por isso, faz parte da cultura. Só que, ao mesmo tempo em que faz parte de uma cultura, a língua ajuda a construí-la. Trata-se de uma relação indissociável em três níveis (no mínimo): “uma interinfluência: nosso pensamento, nossa cultura já estabelecida e a língua que falamos, em que todos os elementos influenciam e alimentam os demais enquanto se retroalimentam” (FERRAREZI JÚNIOR, 2013, p. 75).

O que Umberto Eco diz sobre o paradoxo ser uma máxima falsa à primeira vista pode estar ligado às delimitações do significado inferencial, pois, conforme Marconi (1997), as palavras são formadas por núcleo e periferia. Ao analisarmos um paradoxo, ativamos primeiramente as propriedades centrais, básicas, prototípicas da palavra, isto é, seu núcleo, contido de informações linguísticas sobre o item lexical. O núcleo de uma leitura lexical compreende as especificações semânticas que determinam, a grosso modo, o seu lugar dentro do sistema de entradas do dicionário, ou seja, delimitada de outras (não sinônimas) entradas. Ligada ao núcleo, existe a periferia, de natureza enciclopédica. A periferia consiste naquelas especificações semânticas que poderiam ser removidas da sua leitura sem alterar a sua relação a outras leituras lexicais dentro de uma mesma gramática.

‘Artefato’ pertence ao núcleo de ‘colher’, enquanto que ‘tem tal e tal tamanho, em média’ ou ‘não é utilizado em culturas asiáticas’ pertencem a sua periferia. [...] A distinção entre centro e periferia corresponde essencialmente a conhecimento linguístico e enciclopédico. [...] Independente da linguagem, não há limite entre o conhecimento linguístico e enciclopédico em geral (MARCONI, 1997, p. 36, tradução nossa)⁶.

⁶ “Artifact’ would belong to the core of ‘spoon’, whereas ‘having such and such an average size’ or ‘not used in Asiatic cultures’ would belong to its periphery. [...] The distinction of core and periphery corresponds essentially to that between linguistic and encyclopedic knowledge. [...] There is no language-independent borderline between linguistic and encyclopedic knowledge in general”.

Não há um limite então para separar o que é informação linguística e o que é enciclopédico de uma entrada lexical. Em vez disso, existe uma métrica *dictionarylike/encyclopedic*⁷ entre as sentenças, da mesma forma que há um contínuo entre prototipicidade e flexibilidade polissêmica das categorias lexicais, pois estabelecer um limite para isso seria confirmar a estaticidade da língua. A relação da palavra com o mundo altera a sua periferia, por meio das influências sociais, ideológicas, contextuais. E é no contexto que o paradoxo de um enunciado aparentemente anômalo se quebra. Isso significa que, de primeira mão, ao observarmos um enunciado classificado como paradoxal, estamos levando em conta a superfície sintático-semântica (as informações linguísticas) na qual se encontra, ou seja, apenas o que linguisticamente pode ser compreendido. Quando o levamos para o contexto, então, a incoerência se desfaz.

Existem combinações de palavras a princípio estranhas na tentativa de associar as suas propriedades semânticas, como ‘ouro branco’, ‘ouro verde’, ‘ouro preto’, para quem crê que ‘ouro é metal’ e ‘ouro é amarelo’. Um metalúrgico, por exemplo, pode associar a ‘ouro’ a propriedade de ‘ser branco’ e ainda assim não perde a característica de ‘ser metal’ (MARCONI, 1997). Além disso, há um contínuo literal-figurado (SILVA, 2006, p. 114): por extensão metonímica, sabe-se que ‘ouro branco’ é a liga composta por alguns metais brancos e ouro (talvez se mantivesse ‘ouro’ na formação ‘ouro branco’ para que ela continuasse tendo a propriedade [+valor, +qualidade], o que poderia não acontecer nessa formação com o nome dos outros metais); e, ao relacionar ‘ouro’ a ‘verde’, isola-se o traço [+valor, +qualidade] de ‘ouro’ para se juntar à *zona ativa (ZA)*⁸ ‘verde’ do *ponto de referência (PR)*⁹ ‘planta’ (a entidade realmente referida) que, num processo metonímico, hiponímico e contextual, alude à plantação de café ou simplesmente ao café.

Para entender melhor essa relação de sentidos das palavras, atentemo-nos para os casos apresentados por Silva (2006, p. 61): Uma fotografia pode ser entendida como imagem visual, como em ‘fotografia desfocada’, ou pedaço de papel, em ‘rasgou a fotografia’. Um piano é um instrumento musical, mas pode ser tomado como peça de mobiliário. Uma árvore

⁷“Certain features of a piece of information (or of its linguistic expression) tend to be regarded as encyclopedic, whereas the complementary features tend to be perceived as semantic, or dictionarylike. Thus being contingent, being about an individual, or having existential form, not being constitutive of normal linguistic competence are encyclopedic features, while their opposites - being universal, being necessary, being constitutive of competence - are semantic” (MARCONI, 1997, p. 41-42).

⁸ “A zona activa pode corresponder a uma parte actual da entidade designada, mas pode também corresponder a algo que está intimamente associado a ela” (SILVA, 2006, p. 76). Para entender melhor, Silva exemplifica com o caso do piano: Ao ouvir o piano, o que é ativado não é o piano como tal, mas o som que vem deste instrumento musical.

⁹ “Enquanto a metáfora tem por função a estruturação do alvo em termos da origem, a função da metonímia é o acesso mental ao alvo tendo a origem por ponto de referência” (SILVA, 2006, p. 126).

pode ser designada apenas nos ramos e nas folhas (fazer piquenique debaixo da árvore) ou também no tronco e raiz (o túnel passa por baixo da árvore). Isso mostra como o sentido das palavras é flexível e depende de tipos particulares de seu uso.

O mesmo vale para ‘ouro preto’ ao designar ‘petróleo’. Se essas combinações não pudessem ser feitas, a fim de levar à extensão semântica das palavras, como a metáfora e a metonímia, existiria uma lista em que determinadas palavras só poderiam ser associadas a outras determinadas palavras, quebrando a inovação lexical e transformando a língua num sistema de códigos herméticos. Como afirma Taylor (2002), uma língua sem polissemia seria útil apenas num mundo sem variação ou inovação, em que os falantes não tivessem de responder a novas experiências nem encontrar símbolos para novas conceitualizações.

3 Interface semântica, lexical e cognitivo

“Os sentidos de um determinado item são essencialmente interpretações que surgem de um contexto particular, mas em que alguns (os sentidos prototípicos) são a perspectiva interpretativa para outros”¹⁰ (SILVA, 2006, p. 60).

Como afirmamos no início deste artigo, muitos estudos tentam entender a associação ao conhecimento interior que os indivíduos fazem com determinada mensagem, durante o processo comunicativo, estruturado por meio da experiência humana de mundo, a fim de evocar o sentido dessa mensagem. Para isso, relacionam-se os conhecimentos linguístico (léxico-sistêmico) e de mundo com o processo cognitivo-conceitual, dentro de um contexto. Os significados, para Silva (2006, p. 66) “são produtos da activação da memória e da aplicação de operações cognitivas e/ou linguísticas sobre potenciais de significado”.

A unidade básica do significado lexical é o “potencial de significado” da palavra. O potencial de significado é toda a informação que a palavra transmite ao ser usada, quer por um indivíduo quer, a nível social, pela comunidade linguística (ALLWOOD, 2003, p. 43).

¹⁰ Nesse caso, Silva se refere à Metáfora do Holofote, de Geeraerts (1993).

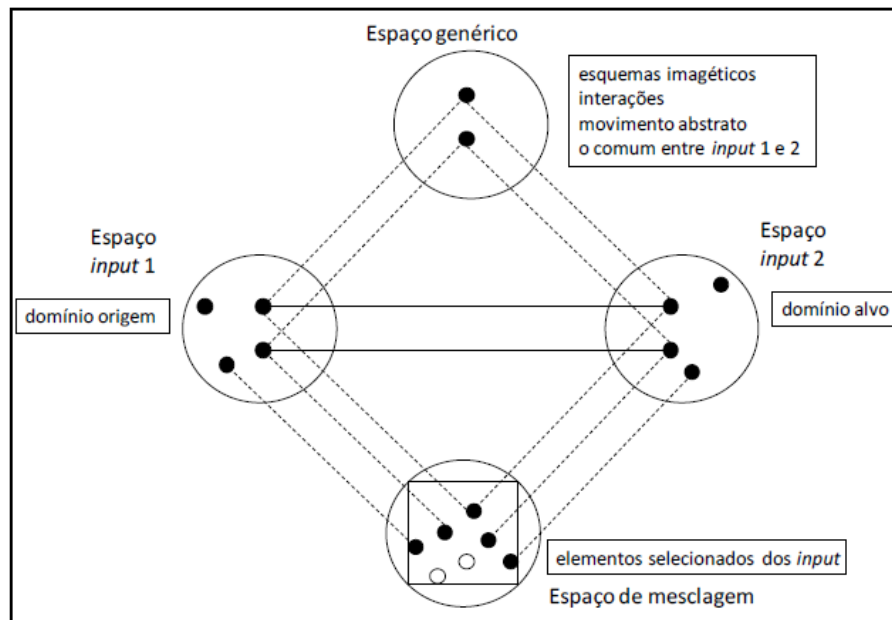
Na associação entre os conhecimentos linguístico (léxico-sistêmico) e de mundo com o processo cognitivo-conceitual, dentro de um contexto, encadeiam-se propriedades que são compartilhadas pelos itens lexicais, formando uma categoria polissêmica que apresentará um significado básico, central, prototípico (GEERAERTS, 1997). O novo significado é uma manifestação específica da natureza enciclopédica da mudança semântica, que surge de um subconjunto referencial, conotativo, pragmático etc. de um significado preexistente.

Então, as associações mentais que levarão coenunciadores de um discurso a um novo significado estarão ligadas a um anterior de propriedades básicas, centrais. Não se exclui a categorização prototípica, porém, o importante, na semântica lexical, é a rede de significações que se cria nessa associação, resultando em extensões semânticas.

“As formas mais comuns de extensão semântica de um item lexical são a metáfora e a metonímia” (SILVA, 1997, p. 71). Esta se manifesta por meio de relações de contiguidade de um domínio cognitivo, intensificando-o e ressaltando-o, já a primeira relaciona domínios cognitivos diferentes, projetando-se no sentido de um domínio-origem para um domínio-alvo, e há nessa relação uma “analogia sistemática e coerente entre a estrutura interna de dois domínios da experiência e, conseqüentemente, todo o conhecimento relevante associado aos conceitos e domínios em causa” (SILVA, 1997, p. 73).

Na visão cognitivista, os mais recentes estudos sobre a metáfora, partindo do trabalho dos pesquisadores Fauconnier e Turner (1996, 1998, 2002), tratam-na como a dimensão da integração conceitual (mesclagem ou *blending*). Essa integração é dada por “espaços mentais (representações mentais discursivas e temporárias) e não entre domínios (representações mentais estáveis e gerais)” (Figura 1).

Figura 1: Integração conceitual entre espaços mentais



Fonte: (SILVA, 2006, p. 149)

Assim, os espaços mentais não implicam apenas os valores do termo-alvo e termo-origem, mas recrutam todo o depósito informativo que o falante possui.

Propõem-se, então, quatro espaços mentais nesse modelo cognitivo: o input 1 corresponde ao domínio-origem, onde serão incluídos os valores que servirão para o processo metafórico; o input 2, ao domínio-alvo, compreendendo os valores do elemento metaforizado; o espaço genérico, onde ocorrerá a movimentação desses valores para que ali sejam depositados os valores comuns aos dois elementos, inclusive o que pode não estar ligado diretamente a eles, mas pode sustentar a relação entre os dois; e o espaço de mesclagem ou *blend*, resultado da mescla multidirecional de todos os espaços mentais.

Em outras palavras, tanto no processo de compreensão ou expressão, o pensamento é mediado externamente por signos e internamente por significados, relacionados às palavras e nelas materializados. É um fenômeno do discurso, trata-se do pensamento discursivo, conforme já defendia Vygotsky (2001). Esse processo acontece por meio da associação de campos semânticos, revelados pelas palavras e resgatados empiricamente pelos interlocutores, ou seja, recuperados pela memória episódica.

4 Análise do corpus

A fim de entender um pouco da significação incoerente que gera o paradoxo, temos, a seguir, algumas citações classificadas por Eco como paradoxais, de Karl Kraus (K) (p. 69) e de Stanislaw J. Lec (S) (ECO, 2003, p. 70):

- (2) O escândalo começa quando a polícia dá um fim nele. (K)
- (3) Para ser perfeita, faltava-lhe apenas um defeito. (K)
- (4) Abre-te Sésamo - quero sair! (S)
- (5) As fogueiras não iluminam as trevas. (S)
- (6) Aspergia a cabeça com as cinzas de suas vítimas. (S)
- (7) Tinha a consciência limpa. Nunca usada. (S)

Na linguagem de todos os dias, temos que fazer referência a conceitos abstratos, como o tempo, a relações interpessoais ou a própria vida, e a fazemos habitualmente em termos metafóricos e metonímicos. Na sua função estilística, o paradoxo está associado à abstração do autor perante a realidade. Analisaremos os aforismos reunidos por Eco citados neste trabalho para verificar o tipo de contradição existente em cada um deles: sintática (somente na superfície linguística), semântico-lexical e discursiva.

- (2) O escândalo começa quando a polícia dá um fim nele. (K)

Em (2), há uma sucessão temporal de acontecimentos, onde primeiramente há um escândalo que acaba e, seguida, um escândalo que começa. Na relação anafórica, trata-se do mesmo escândalo. Assim, a oposição fim/começo se refere a um mesmo evento em uma ordem inversa à natureza de qualquer acontecimento: primeiro começar e depois acabar. Sintaticamente, as duas situações são perfeitamente possíveis, se isoladas. Nesse caso, então, temos o paradoxo de tipo *sintático*.

- (3) Para ser perfeita, faltava-lhe apenas um defeito. (K)
- (6) Aspergia a cabeça com as cinzas de suas vítimas. (S)

(7) Tinha a consciência limpa. Nunca usada. (S)

Em (3), (6) e (7), a contradição é de tipo *semântico-lexical*. Em (3), sendo então [-defeito] o traço semântico específico da palavra ‘perfeito’, necessitaria de um sentido mais adequado em determinada situação, utilizando a métrica *dictionarylike/ encyclopedic* apresentada por Marconi (1997), uma vez tudo o que for perfeito é ausente de defeitos.

Já em (6), entende-se que ‘aspergir’ só deve ocorrer em contextos sentenciais em que haja um sujeito [+animado] precedente, que será o agente da ação, um instrumento [+líquido] e um alvo. O que causa o estranhamento é a combinação de ‘aspergia’ e ‘com as cinzas de suas vítimas’, assim como causaria ‘molhou com a areia’ e, em casos extremos de contradições morfológicas derivacionais, ‘esfaqueou com o revólver’. Trata-se de mais um caso em que os sentidos prototípicos apresentados por Marconi (1997) se subvertem para que essas novas formações possam acontecer.

Em (7), a incoerência é também de tipo *semântico-lexical*, mas o efeito de sentido é mais ambivalente do que paradoxal. Aqui, não é a ambiguidade que vai anular sentidos contraditórios, e sim a capacidade polissêmica de ‘limpo’, que vai referenciar a nível cultural o sentido direcionado, intencional. Ou seja, trata-se de uma característica pragmática da textualidade (intencionalidade, aceitabilidade, situacionalidade, informatividade, intertextualidade) inserida em determinado contexto. Essa decodificação simultânea chama-se *ambivalência*, termo apresentado por Silva (2006) para explicar o que acontece no slogan “impressão de qualidade”, para publicitar uma determinada fotocopiadora, onde a solução interpretativa do texto não é a negação dos sentidos de ‘impressão’, mas sim a presença de ‘imprimir’ e ‘impressionar’, cujas ações se representam na forma homônima ‘impressão’.

(4) Abre-te Sésamo - quero sair! (S)

O enunciado (4) é perfeitamente compreensível nas relações sintáticas e *semântico-lexicais*. Aqui, então, mostraremos que a contradição é de tipo *discursivo*. ‘Abrir’, no sentido de ‘permitir acesso/ tornar acessível’, pode ocorrer tanto com ‘entrar’ quanto com ‘sair’, o que mudará é a interpretação. Porém o que a torna paradoxal é a sua ligação com o discurso, incompatível com a materialidade histórica e o acontecimento enunciativo. No discurso, a linguagem é construída por meio da relação das palavras com o que está fora delas, logo, “só é possível pensar na relação entre uma palavra e o que ocorre em virtude da relação de uma palavra a outra palavra” (GUIMARÃES, 2007, p. 77), que dependerá do modo de enunciação. O modo e o acontecimento da enunciação influenciam então o sentido da palavra, por meio dessa interação entre sujeito e mundo.

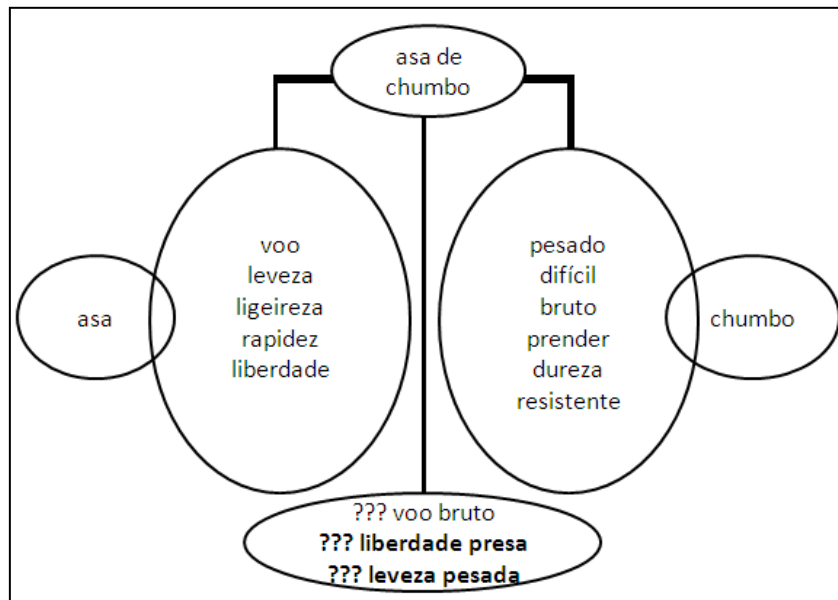
Além de caminhar por uma rede semântica de associações para o sentido de um enunciado, deve-se levar em conta o acontecimento deste, uma vez que o acontecimento enunciativo passa por um domínio histórico que faz funcionar a língua (DALMASCHIO, 2008). Ele é capaz de interferir no significado das palavras, por exemplo, permitindo criar o novo sobre o que já é conhecido de determinado signo, sobre o que já está posto. Logo, como e com o que se referencia a palavra ou o conjunto delas no mundo, no plano real, onde a manifestação da linguagem acontece, possibilita a produção dos efeitos de sentido de um enunciado. “Assim, o domínio de referência é algo da relação entre um recorte determinado pelas condições históricas do acontecimento e uma injunção desse recorte ao lugar específico de configuração da forma linguística” (DIAS, 2005, p. 119).

(5) As fogueiras não iluminam as trevas. (S)

Em (5), a contradição é de tipo *semântico-lexical e sintático*, pois envolve as similaridades semânticas entre os itens lexicais ‘fogueiras’ e ‘iluminam’ numa relação sintática de negação. Temos aqui a visão holística apresentada por Marconi para entender a sentença (1997).

Já numa abordagem molecularista, podemos observar o caso de ‘asas de chumbo’ (Figura 2). Na mesclagem conceitual entre espaços mentais num processo seja metafórico ou metonímico, apresentada por Fauconnier e Turner (1996, 1998, 2002), as duas palavras dificilmente se encaixam, embora ‘asa’ não signifique necessariamente ‘voar’, já que existem aves que não voam, e ‘chumbo’, no sentido de ‘pesado’, é uma tentativa de regular a ideia do que é ‘ser pesado’, que é vaga, em termos de comparação:

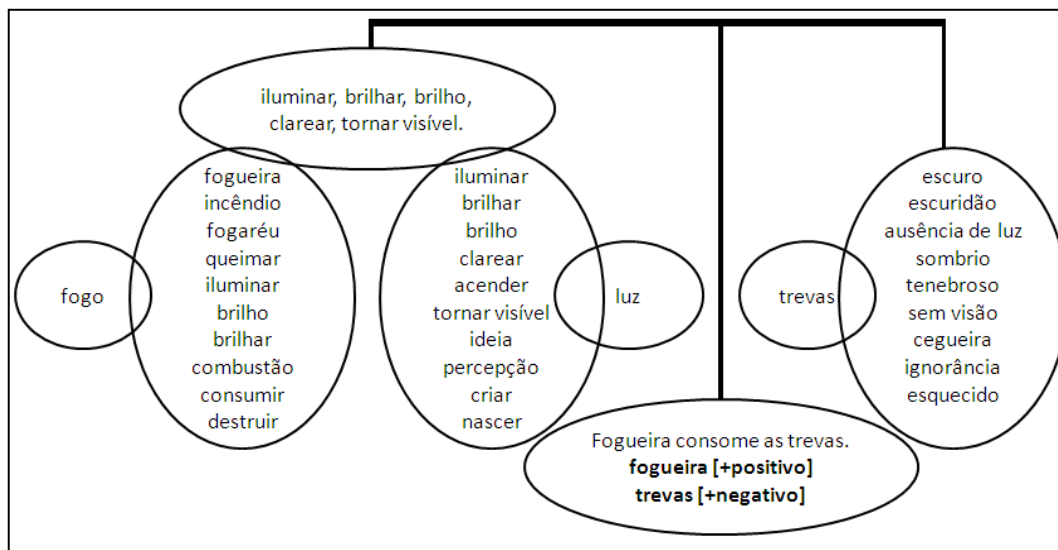
Figura 2 - Modelo para processamento mental de 'asas de chumbo' (8)



Fonte: (Do autor)

A formação semântica compreensível, nesse caso, se dará no contexto em que ela estiver localizada. O mesmo acontece, então, com (4):

Figura 3 - Modelo para integração conceitual entre 'fogueira' e 'trevas'.



Fonte: (Do autor)

Isso mostra que frases como (4) não têm sentido, pois na movimentação entre os valores de 'fogueira' e 'trevas', tem-se a fogueira como luz, que, logo, ilumina. Se ilumina, tira a qualificação do que é escuro, consumindo-o. Nessa mescla, um não existe na presença do outro, temos fogueira [+positivo] e trevas [+negativo]. Assim, (4) não possui valor de verdade no mundo.

É claro que, conforme mencionamos no começo do trabalho, tudo o que é considerado paradoxo causa estranhamento à primeira vista. Ressaltamos que a negação que existe entre os argumentos¹¹ de (4), por exemplo, exclui a referência qualitativa ou quantitativa de 'fogueira', isto é, em que intensidade ou dimensão uma fogueira pode não ser útil para iluminar.

Mesmo apresentando restrições lexicais, semântico-sintáticas ou discursivas, o paradoxo se mostra como um dos fatores que evidenciam um estilo próprio do autor de se expressar. Essa manipulação da linguagem é objeto de estudo da estilística:

¹¹Argumentos são o sujeito e o(s) complemento(s) do verbo. (CANÇADO, 2005, p. 53).

Um dos objetivos da Estilística é justamente analisar a escolha feita, verificando se de que maneira se consegue com ela efeitos estéticos e expressividade e, sobretudo tentando-se chegar à intenção do enunciador por meio do estilo encontrado em seu texto (CARDOSO, 2004, p. 148).

Entre as características estilísticas de expressão, citadas por Cardoso (2004, p. 148), estão a flexibilidade da língua; no enunciado, a escolha entre objetividade e subjetividade, entre discurso direto e indireto; quanto à organização dos períodos, há a subordinação e a coordenação; e à organização das frases, ordem direta ou indireta. No entanto, não podemos restringir a criatividade da língua ao texto literário. Na linguagem do dia a dia podemos fazer uso figuras de estilo ou das características poéticas da linguagem.

Frase presente em letra de duas músicas diferentes, ‘Tá ruim, mas tá bom’¹² é comum no falar do brasileiro. Frases como ‘Me inclui fora dessa’ fazem parte do cotidiano e podem ser manchete de reportagem de revista¹³, assim como suas variantes ‘me inclua fora dessa’¹⁴ e ‘inclua-me fora dessa’¹⁵.

Considerações finais

Trouxemos neste artigo alguns pressupostos amparados na Linguística Cognitiva, na Semântica Enunciativa, na Semântica Lexical e na Semântica Cultural a fim de analisar vários fatores que interferem no processo de significação por meio das propriedades das palavras e da relação entre elas, integrando o léxico com cognição, discurso e sociedade, motivada pelas transformações sociais e culturais nos processos de significação.

Vimos que os enunciados paradoxais apresentados por Eco não podem ser tratados dessa forma se levarmos em conta o que os estudos linguísticos sobre os processos de significação nos fornecem. Ainda, podemos classificar essas contradições em níveis sintático, semântico-lexical e discursivo.

¹² Disponível em: <http://letras.mus.br/zeca-pagodinho/68361/>. Acesso em: 20 maio 2018. E disponível em: <http://www.vagalume.com.br/cezar-paulinho/ta-ruim-mais-ta-bom.html>. Acesso em: 20 maio 2018.

¹³ Disponível em: http://veja.abril.com.br/250603/p_048.html. Acesso em: 20 maio 2018.

¹⁴ Disponível em: http://veja.abril.com.br/250603/p_048.html. Acesso em: 20 maio 2018.

¹⁵ Disponível em: <http://veja.abril.com.br/blog/radar-on-line/judiciario/inclua-me-fora-dessa-2/>. Acesso em: 20 maio 2018.

Tentamos analisar como acontecessem esses paradoxos, perceber o nível de contradição existente entre eles e mostrar que todos os casos apresentam sentidos que se movimentam a partir da escolha lexical intencional ou da adequação de novas formações.

Certamente, mesmo com afirmações de que as anomalias ou as contradições sejam consideradas inadequações semânticas e devem ser evitadas, ainda assim elas estão presentes como recursos estilísticos de expressão tanto na linguagem do cotidiano quanto no ambiente literário.

Segundo Ferrarezi Júnior (2008), quanto mais compreendemos sobre a cognição humana, mais nos damos conta da importância desses processos linguísticos, tanto para a própria maneira de o homem ver, pensar e representar o mundo, quanto para a definição de sua própria humanidade. Essa capacidade é, também, um elemento diferenciador singular das línguas naturais em relação às linguagens artificiais, como as dos computadores, o que dá uma dimensão da importância desses fenômenos em um sistema linguístico qualquer.

Referências

ALLWOOD, J. Meaning potentials and context: Some consequences for the analysis of variation in meaning. In: Hubert Cuyckens, René Dirven & John Taylor (ed.). *Cognitive Approaches to Lexical Semantics*. Berlin/New York: Mouton de Gruyter, 29-66. 2003.

CANÇADO, M. Posições argumentais e propriedades semânticas. São Paulo, *DELTA*, v. 21, 1, p. 23-56, 2005.

CARDOSO, E. A. A criação neológica estilística. *Matraga: Revista do Programa de Pós-graduação em Letras*, v. 11, n. 16, p. 105-118, 2004.

DALMASCHIO, L. *Enunciação e Sintaxe: Modos de enunciação genéricos na ocupação do lugar de objeto*. Belo Horizonte: UFMG, 2008. 103 p. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2008.

DIAS, L. F. Problemas e desafios na constituição do campo de estudos da transitividade verbal. In SARAIVA, Maria Elizabeth Fonseca; MARINHO, J. H. C. (org.). *Estudos da língua em uso – relações inter e intra-sentenciais*. Belo Horizonte: UFMG, 2005. p.101-122.

ECO, U. *Sobre a literatura*. Trad. de Eliana Aguiar. Rio de Janeiro: Record, 2003.

FAUCONNIER, G.; TURNER, M. Blending as a central process of grammar. In: Adele Goldberg (ed.). *Conceptual Structure, Discourse and Language*. Stanford: CSLI Publications, 1996. p. 113-130.

FAUCONNIER, G.; TURNER, M. Conceptual Integration Networks. *Cognitive Science*, v. 22, n. 2, p. 133-187, 1998.

FAUCONNIER, G.; TURNER, M. *The Way We Think: Conceptual Blending and the Mind's Hidden Complexities*. New York: Basic Books, 2002.

FERRAREZI JÚNIOR, C. *Introdução à Semântica de Contextos e Cenários: de la langue à la vie*. 1. ed. Campinas: Mercado de Letras, 2010. v. 1. 296p.

FERRAREZI JÚNIOR, C.; BASSO, R. M. (Org.). *Semântica, Semânticas: uma introdução*. São Paulo: Editora Contexto, 2013. v. 1. 176 p.

GEERAERTS, D. *Diachronic Prototype Semantics. A Contribution to Historical Lexicology*. Oxford: Clarendon Press, 1997.

GUIMARÃES, E. R. J. *Domínio Semântico de Determinação. A Palavra: Forma e Sentido*. Campinas: Pontes/RG, 2007.

GUIMARÃES, E. R. J. Enunciação e história. In: GUIMARÃES, Eduardo (org.). *História e sentido na linguagem*. Campinas: Pontes, 1989.

MARCONI, Diego. *Lexical Competence*. Cambridge, MA: The MIT Press, 1997.

SILVA, A. S. A Linguística Cognitiva: Uma breve introdução a um novo paradigma em linguística. *Revista Portuguesa de Humanidades*, vol. I. Braga: Faculdade de Filosofia da UCP, 1997.

SILVA, A. S. *O mundo dos sentidos em português: polissemia, semântica e cognição*. Coimbra: Almedina, 2006.

TAYLOR, J. R. *Cognitive Grammar*. Oxford: Oxford University Press, 2002.

VYGOTSKY, L. S. *A construção do pensamento e da linguagem*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

WITTGENSTEIN, L. *Philosophical Investigations*. Oxford: Basil Blackwell, 1953.

GERALDO JOSÉ RODRIGUES LISKA

Doutor em Estudos Linguísticos (Área: Linguística Aplicada. Linha: Ensino do Português) pela Universidade Federal de Minas Gerais. Secretário Executivo da Universidade Federal de Alfenas .

Lattes iD: lattes.cnpq.br/2504025439635833

Orcid iD: orcid.org/0000-0002-9027-5926

E-mail: geliska@gmail.com